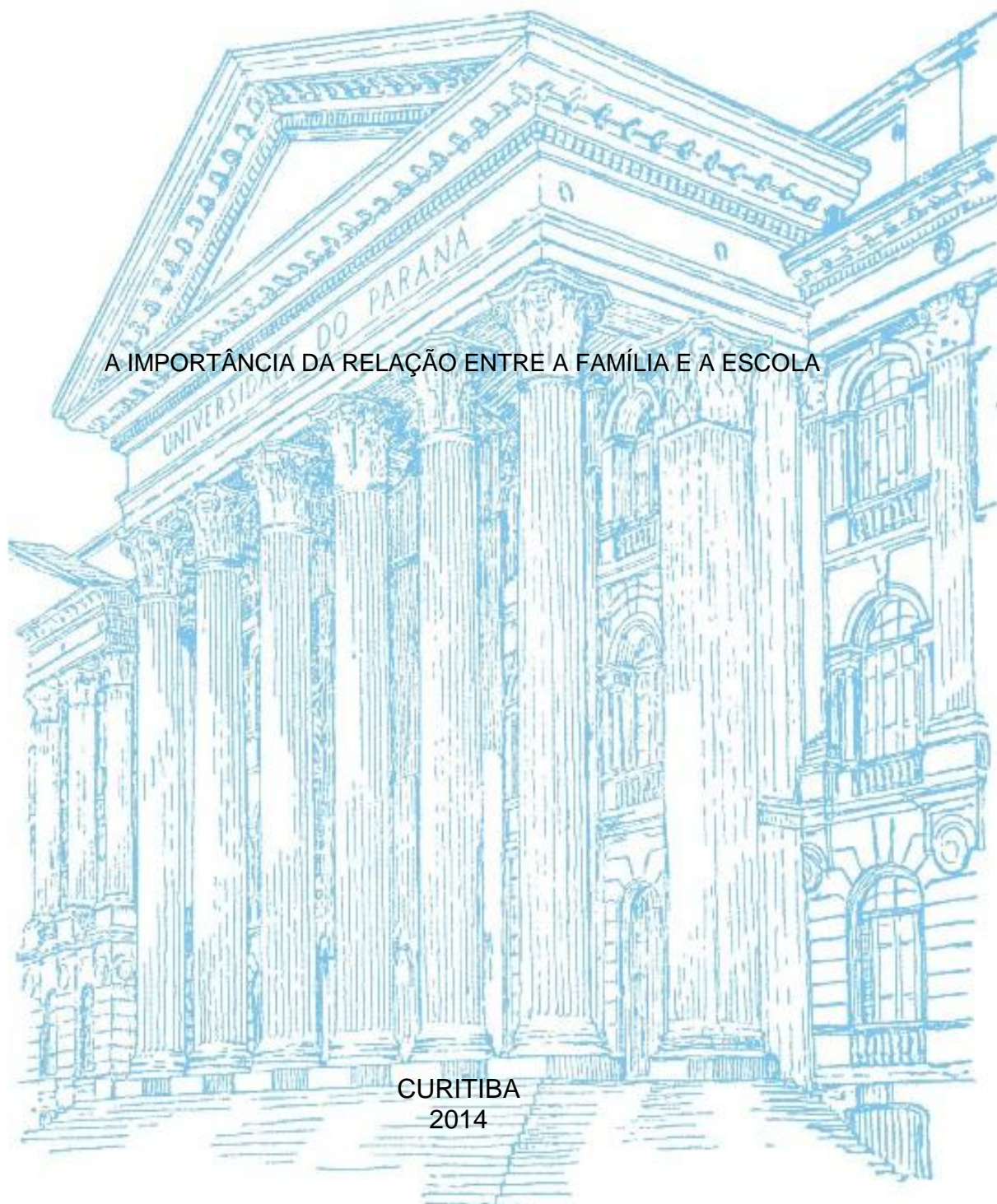


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FLÁVIA MORBACH



A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

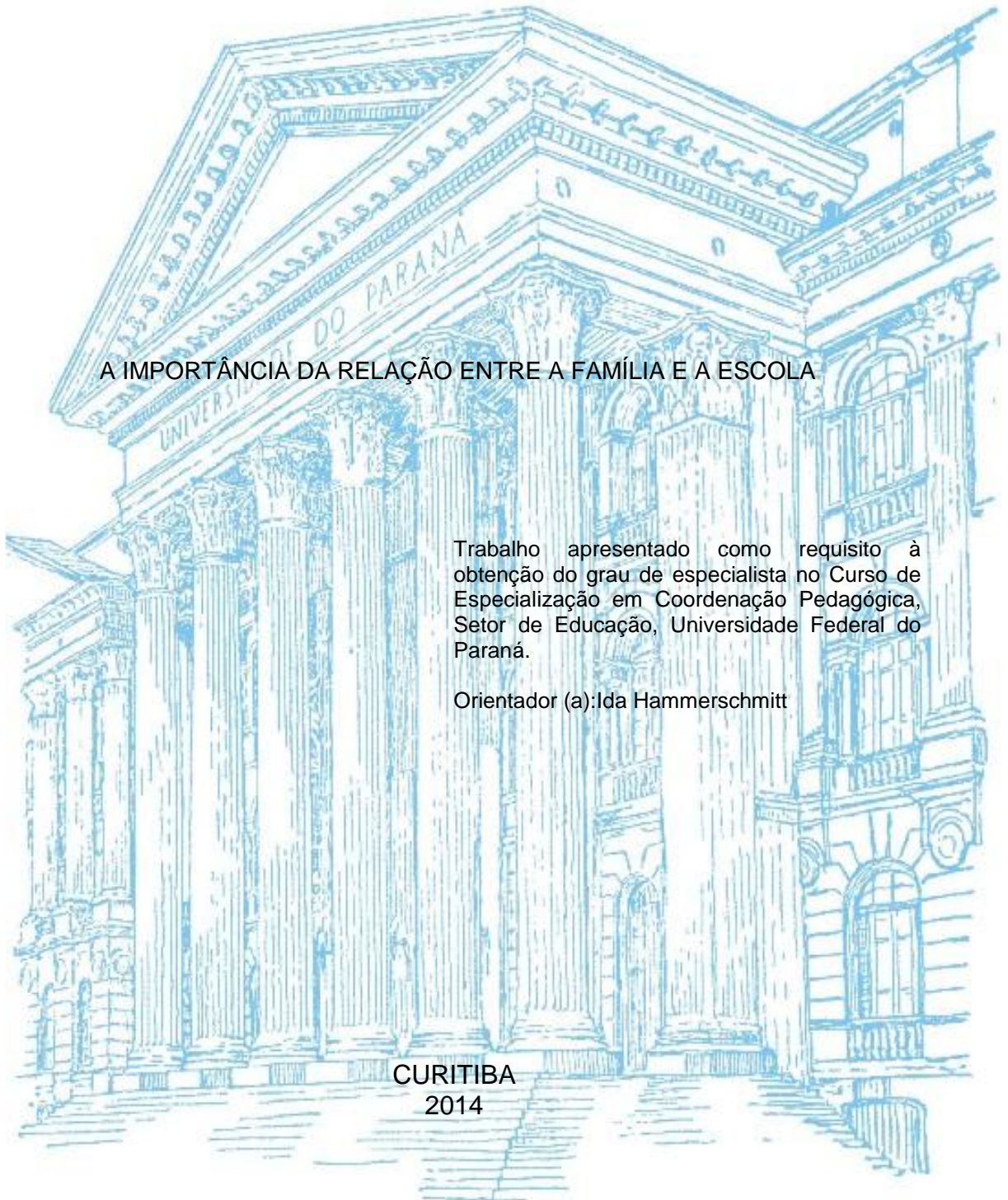
FLÁVIA MORBACH

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Ida Hammerschmitt

CURITIBA
2014



A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

FLÁVIA MORBACH*

RESUMO

Este artigo apresenta uma abordagem teórico-conceitual sobre a importância da família na vida escolar dos alunos, com foco nos resultados positivos dos alunos, bem como, nos resultados positivos gerados da participação dos responsáveis, família e escola, nas atividades escolares. O método utilizado foi o da pesquisa bibliográfica e traz como objetivo de pesquisa compreender ao longo do texto o relacionamento entre a família e a escola destacando a importância do bom entrelace entre ambas na construção do trabalho educativo e social de cada indivíduo. Estabelece-se também o papel da família e da escola, sem uma interferir no trabalho da outra, mas de colaborar mutuamente na educação para o crescimento humano integral. Visa-se colaborar nas pesquisas de cunho pedagógico embasado nos pensamentos de profissionais qualificados no assunto, como Farias Filho (1999) e Freire (2000), de forma a trazer contribuições nas reflexões sobre a temática.

Palavras chave: Pedagogia, família, escola, conhecimento.

*Artigo produzido pela aluna Flávia Morbach do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Ida Hammerschmitt. E-mail: fafamorbach@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar a importância que tem o acompanhamento familiar na vida escolar do aluno. Destacar a valorização da escola e do estudo, superando a visão errônea da escola como um “mal necessário” (VASCONCELLOS, 1994, p.77), e conscientizar a família que deve sempre acompanhar as atividades escolares e não apenas quando a criança tira nota vermelha. Procura-se também refletir que se houver preocupação em aprender, efetivamente, a nota poderá vir como consequência lógica, ao passo que a recíproca não é verdadeira, se ficar preocupado com nota, acabará decorando, portanto não aprendendo, correndo ainda o sério risco de não conseguir nem a nota, em função da insegurança e do estado emocional no momento da avaliação.

O presente trabalho é resultado de um estudo através de referências bibliográficas, pesquisas em questão que serviram de base para a fundamentação, desenvolvimento e construção deste artigo. As bibliografias de áreas psicológica, pedagógica e psicopedagógica, consolidaram-se em suporte para fundamentar pensamentos e reflexões em relação à temática do artigo.

Neste trabalho, analisa-se os conteúdos e investiga-se a importância do envolvimento da família na vida escolar dos alunos, e no que isso influencia na educação, interesse e desempenho escolar dos mesmos. Refletir sobre as ações da família no desenvolvimento escolar, entender de que forma ela se constitui e quais as maneiras adequadas e em quais situações ela se apresentaria da melhor forma são questões que suscitaram à busca de respostas.

O artigo apresenta portanto, essa relação entre a escola e a família de maneira a dar importância ao trabalho e papel das duas, no espaço onde cada uma configura-se. Na escola com ênfase no desenvolvimento e aprendizagem de cunho pedagógico e na família com foco também no desenvolvimento mas, numa dimensão social distinta porém complementar. Defende-se que ambas devem caminhar juntas e assim, complementando o papel uma da outra, seguindo uma caminhada na construção de saberes.

A partir de Gadotti (2003), tem-se o entendimento de que educar promove impregnar de sentido a vida. Assim, surge a reflexão sobre a forma de conduzir à práxis pedagógica e direcioná-la para que a mesma se realize com consciência e sensibilidade, embasada na individualidade do educando, visando sua transformação e dando-lhe o verdadeiro sentido da vida. Nesse contexto, a escola é que assume o papel central em que o professor realiza um trabalho planejado na direção de superação de conceitos. Por meio do professor, o aluno tem acesso à cultura formal. Além disso, a escola é um instrumento consciente de aperfeiçoamento social.

Na família é onde acontecem os primeiros saberes; o desenvolvimento das primeiras habilidades; o respeito ao próximo; as regras de convivência; os conceitos de valores e outros. Para Tiba (1996, p. 178), “é dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social”.

A comunicação entre a família e a escola deve ser pautada na confiabilidade, na credibilidade transmitida pelos valores envolvidos, pelo respeito e pela integração. A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Um caminho de cooperação que só será efetivo se os pais compreenderem que à escola não cabe exercer a função moral da família. E, se a escola promover ações de conscientização junto a essas famílias para que fique clara a importância do dever de cada um no desenvolvimento do aluno/filho. Embora, essa parceria entre escola e família seja essencial, cada qual deve conservar suas particularidades (DI SANTO, 2007).

Sendo assim o artigo apresenta a seguinte estrutura: inicia-se na revisão de literatura trazendo aspectos sobre a importância da relação entre a família e a escola. Na seqüência alguns problemas gerados pelo não acompanhamento dos familiares no aprendizado dos alunos. Num terceiro item reflete-se sobre o papel da escola e da família na formação humana. E nas considerações finais, procura-se trazer contribuições para ampliar reflexões sobre a temática na busca de soluções e superações.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A importância da relação entre a família e a escola

A relação entre a família e a escola é uma questão muito discutida nos dias de hoje entre gestores e pesquisadores da educação. Nos espaços escolares, vêm sendo tema em diversos fóruns e publicações especializadas sobre o assunto. A sociologia da educação e as políticas sobre a educação têm debatido sobre essa relação nos últimos tempos, seja pela questão da indisciplina e suas causas, fracasso escolar ou estruturação cultural. Esses estudos somados as práticas pedagógicas de professores e gestores, estabelece que essa conexão entre pais e escola, está intimamente relacionada à estrutura familiar, tradição das famílias, classe social, meio urbano ou rural, profissão dos pais e ainda o número de filhos. Também está relacionado o lugar que as instituições de ensino ocupam hoje na sociedade e sua importância na formação das futuras gerações. Revele-se assim, uma necessidade, constante, de se estabelecer um diálogo entre a escola e a família.

No Brasil, ao longo do século XIX, o movimento escolar é lento, mas está fortalecendo como privilégio para a formação de novas gerações, diretamente ligado ao processo de profissionalização do magistério primário dentre outros fatores (FARIA FILHO, 1999). Neste processo ela se desloca a outras instituições (família, igreja, etc.) de seus lugares tradicionais de socialização, considerando-as na maioria das vezes incapazes de bem educar diante de uma sociedade que se urbaniza e se complexifica, que supõe novos padrões de comportamento.

Nas primeiras décadas do século XX, é detectado o afastamento da família da escola, resultante da ação dos defensores e instituidores da escolarização, sendo uma preocupação constante destes mesmos agentes (FARIA FILHO, 2000). Os professores passam a reclamar do desinteresse dos pais, principalmente das classes mais populares, para com a educação dos filhos. Embora seja fundamental a participação das famílias na educação dos filhos, estas demonstravam naquele momento, um profundo despreparo e desinteresse para lidar com o assunto. Dessa forma, era preciso planejar e efetivar ações que pudessem reaproximar a família da escola, entendida esta

tarefa como um momento fundamental da ação reformista da escola em face da realidade social mais ampla.

Ao longo do século XX, em referência à escola nova, dá-se maior importância a experiência advinda da instituição familiar no que tange a educação moral, intelectual e física das crianças. Frente a essas experiências há uma constante, a relação entre escola e família é sempre relacionada às mudanças sociais. Onde se quiser resultados é preciso organização e planejamento, o que é preciso que esteja presente tanto na escola quanto na família, considerando-se o objetivo constitucional de formação humana, para a autonomia e cidadania.

Pois, de acordo com Costa (1929):

A família, a escola e a cidade hão de ver no menino uma esperança da pátria, donde deve brotar um cidadão digno e prestante. Elas têm de oferecer para esse fim, um ambiente favorável, cuja formação compete aos professores e a todos aqueles que forem modelos da vida social (COSTA, 1929, p.45-58).

Ainda segundo a visão do autor:

O lar forma, no estrito âmbito da casa, um mundo a parte, independente, regido talvez por leis reacionárias e dispersivas. É bem por isso que a rua impressiona. A escola deve completar a tarefa do lar, o aperfeiçoamento do caráter, encaminhando as tendências individuais para a harmonia e a estabilidade sociais (COSTA, 1929, p.45-58).

Sabe-se que os problemas sociais trazidos para as salas de aula, interferem negativamente no processo pedagógico e também que a escola não poderá ir diretamente auxiliar as classes pobres.

No entanto, uma boa educação é também voltada a edificação de um corpo saudável para seus alunos. Com isso, o trabalho da escola volta-se também para um meio de suavizar o mal, fornecendo regras de economia, rendimento maior do trabalho. Nesta cruzada reformista dos costumes e das pessoas, a mulher é identificada como grande responsável por garantir boa ordem no lar, por gerir o mundo doméstico e a educação dos filhos. Para isso, nessa direção, também as mulheres precisam ser reeducadas, pois para bem educar, não basta amar, é preciso conhecer as necessidades infantis.

2.2 Alguns problemas que podem ser gerados pelo não acompanhamento dos familiares no desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Hoje, a formação das famílias acontece de forma desordenada. Poucas ainda são constituídas nos parâmetros tradicionais (pai, mãe e filhos). Quando nasce uma criança, também nasce um pai e uma mãe, ao menos é assim que deveria ser. No entanto, muitas crianças são hoje criadas por avós e tias, porque seus pais e mães optaram por não participar do seu desenvolvimento, por motivos de trabalho ou por simples desinteresse. A gravidez na adolescência também é um fator agravante na desestruturação da família.

O alicerce na construção do caráter e formação do desenvolvimento da criança é a família e deveria ser construída de maneira sólida, isto é, de forma que consiga conviver segundo os parâmetros da sociedade (cultura, regras, respeito, etc.). Mas tem-se hoje um desgaste da instância familiar, no seu planejamento e construção, passando pelos maus-tratos com as crianças, mulheres e idosos, culminando com mortes, prisões, traumas e desajustes que mexem com o psicológico de todos os envolvidos, que em contrapartida, tendem a repassar esses momentos mal vividos às pessoas que posteriormente venham fazer parte da sua vida.

Pais e responsáveis estão deixando cada vez mais para a escola o papel de estabelecer regras e normas éticas e morais, o que repercute na disciplina em seus filhos. Isso toma uma grande parte dos projetos da escola que, ao invés de consolidarem seus trabalhos pedagógicos, por culpa da indisciplina, tem que realizar projetos voltados para valores, ética e disciplina.

O rendimento dos alunos, quando não são assistidos pela família de um modo sistemático e regular, geralmente fica comprometido. A falta de acompanhamento familiar na escola, pelas atividades dos filhos, muitas vezes vem junto com o desinteresse em casa, na ausência de acompanhamento pelas produções escolares, e isso pode ser um dos fatores que influenciam no baixo desempenho e no mau comportamento dos alunos. Independente de a família ser composta da forma tradicional (pai, mãe e filhos), ou não, ela ainda é responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento físico, emocional,

escolar e cultural. Ou seja, a família é responsável pela formação humana de seus filhos.

(...) os tempos mudaram, mas não as relações humanas que constituem as raízes da formação do caráter. Os filhos ainda precisam dos pais, porque as relações afetivas que mantêm com eles desde o nascimento, permitem que adquiram padrões que os tornarão seres normais. As crianças precisam de direção, disciplina, apoio, ânimo para crescer, amadurecer e tornarem-se pessoas independentes da família, adultos autônomos. (COSTA, 2006, p. 8)

Não só o carinho, o respeito e a atenção são formas de demonstrar amor, mas também a disciplina e o estabelecimento de limites, que se configuram como cuidado. A família, assim, deve cultivar nela um espírito de equipe, com todos trabalhando em prol do coletivo, do bem querer e do bem estar de todos.

Nesse sentido, Costa (2009), traz tópicos que auxiliam a família a atuar de forma colaborativa:

(...) procure a superação de suas próprias dificuldades, independente de qualquer explicação, procure a correção do erro; assimile as mudanças que sejam progressivas; pratique a cidadania familiar para que todos sejam cidadãos éticos; todos se unam para que a equipe melhore sempre; exija do elemento ajudado a correção dos erros e seus resultados; não coloque uma vitória como ápice de uma conquista; não sinta uma derrota como eterna; os deveres sejam cumpridos e os méritos reconhecidos; o melhor para a equipe seja o melhor para o bairro e para o planeta (COSTA, 2009, p. 25).

Vários especialistas dizem que a família é a base da educação, mesmo com suas mudanças, no entanto, na realidade da família moderna, ela não é mais a célula master da sociedade, sendo essa dimensão confrontada. Mas não deve ser retirado da família sua responsabilidade no ato de educar. Freire (2000) em um tipo de desabafo diz;

A mim me dá pena e preocupação quando convivo com as famílias que experimentam a "tirania da liberdade" em que as crianças podem tudo, gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade (FREIRE, 2000, p. 29).

A escola não pode continuar a assumir sozinha os papéis de ensinar e educar, como tem se observado em alguns casos, ela pode sim direcionar alguns projetos com os temas de valores e disciplina, mas não assumir sozinha a formação humana dos seus educandos, desviando-se de suas funções diante o papel social que tem voltada ao crescimento intelectual e cognitivo de cada aluno.

Muitos alunos passam mais tempo na escola do que em casa, é o caso dos que frequentam as escolas integrais. Conseqüentemente, convivem mais com os professores do que com os pais, que trabalham o dia inteiro e só a noite tem a oportunidade de se relacionar com os filhos, que comumente voltam cansados e dormem cedo. Esse é um fator que contribui para que os pais transfiram a “carga” da educação como um todo à instituição escolar.

Em um levantamento realizado pelo INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Anísio Teixeira), através do cruzamento de informações obtidas pelo questionário socioeconômico do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), em 2003, com as notas dos estudantes que fizeram a prova, constatou-se que o acompanhamento da família eleva o desenvolvimento escolar do aluno.

Em diálogos com o gestor da Escola Municipal em Tempo Integral “Takeshi Oishi”, de Paranaguá, os alunos com baixo rendimento são os que os pais raramente aparecem na escola, apesar de serem chamados com frequência para conversar sobre o aproveitamento escolar e comportamento dos alunos. No exercício das funções da coordenação escolar observa-se com frequência a ausência dos pais e em reuniões ou mesmo quando chamados a acompanhar o rendimento escolar dos filhos, os pais que mais necessitamos que estejam presentes participando da vida escolar dos filhos, não comparecem. E alguns não se interessam nem mesmo por buscar o uniforme que é doado pela prefeitura.

Apesar de ser um papel da escola, a educação intelectual deveria contar com o envolvimento e interesse efetivo dos pais, pois é através da que se formará um cidadão letrado. Percebe-se também, não como regra, mas que na maioria dos casos os sujeitos letrados tem melhores possibilidades de trabalho e portanto, condições para melhor estabilidade econômica.

Em uma entrevista concedida à revista Nova escola, o físico e educador da Universidade de São Paulo, Luiz Carlos Menezes (2013) diz que diante do insucesso de um aluno, a escola e a família passam a se cobrar. A família questiona a escola por ser ela a responsável pelo ensino. A escola questiona a família pelo fato de que, se alguns conseguem aprender, o problema dos malsucedidos só pode ser de fora.

Por outro lado, de nada adianta as duas culparem-se mutuamente, pois uma professora ou uma mãe nem sempre encontrarão resposta aos se perguntarem: “Onde foi que eu falhei”? O problema não está separadamente em nenhum dos lados, tão pouco nos alunos que são o motivo da relação entre ambas. Sendo portanto, desnecessário e ausente de sentido achar culpados.

E positiva a vinda dos pais na Escola, também por parte dos alunos, considerando-se que quando os pais ou responsáveis vão à escola para saber como está o comportamento e a aprendizagem dos seus filhos, há um sentimento de reconhecimento destes, de sentirem-se assistidos, importantes e queridos. É um grande incentivo para o aluno saber que alguém se importa se ele tira uma nota baixa e que se orgulha se tirar um dez.

As escolas quase sempre têm um projeto de motivação para alunos com baixa estima, mas não há nada melhor que um sorriso que um: “parabéns”, dado por alguém próximo, para levantar o ânimo de um aluno em estudar e melhorar seu comportamento. Professoras ouvem dos alunos frases como: “ninguém se importa comigo”, “pode chamar minha mãe, ela não vem mesmo”, “pode chamar meu pai, ele está trabalhando”, e diante disso se vêem de mãos amarradas frente às dificuldades com o comportamento inadequado de alguns.

Há pais bem presentes e que orientam seus filhos dizendo até aos professores que podem dar um puxão de orelha ou por de castigo, como uma maneira de inibir ações de violência e desrespeito do filho com os professores ou colegas de classe. Mas em contrapartida, encontramos pais que nunca aparecem na escola para participar da vida escolar do filho e saber como ele está se comportando. Alguns pais ausentes, quando o filho relata em casa que ficou de castigo, ai então estes pais comparecem a escola e sem saber por que o filho foi advertido, falam alto com os professores, confrontando e tirando-lhe a autoridade e fazendo com que o filho acabe por desrespeitar ainda mais o profissional que não mede esforços para desenvolver seu trabalho.

Mesmo pais com semianalfabetos ou com nenhum grau de escolaridade podem ajudar os filhos a ter boas notas se demonstrarem interesse pela vida escolar da criança e participarem das atividades do colégio, essa preocupação tem um impacto muito positivo. Nesse sentido PILLET (2009, p.22), quando trata sobre a família nos diz: “A educação familiar adequada é feita com amor, paciência e coerência, pois desenvolve nos filhos a autoconfiança e espontaneidade, que favorecem a disposição para aprender”. Nesse sentido, reforça-se que quando há orientação da família os alunos geralmente são esforçados e estimulados na busca pelo conhecimento.

2.3 O papel da escola e da família.

Conceituar o papel de cada uma é uma tarefa difícil. Tornaram-se hoje grandes fontes de problemas. A família perdeu seu núcleo, às vezes são um amontoado de pessoas vivendo sob o mesmo teto, sem laços sanguíneos, tentando educar o filho com suas visões diversas de mundo, e não vêm a hora de encaminhá-los à escola.

Por outro lado, a escola inconformada com o que tem recebido das famílias, se põe no papel de responsável em educar e ensinar. Ocorre que em inúmeras vezes as escolas distanciam-se do processo de ensino, perdem assim, seu principal foco: a formação pedagógica desses sujeitos históricos e culturais.

A inversão dos papéis da escola e da família junto à sociedade é muito nítida, por exemplo: antes de um processo alfabetizador, a escola precisa integrar esse aluno, advindo de uma família que às vezes sem lhe ensinar limites ainda o criou, até então, como centro do universo. Perde-se muito tempo dando possibilidades para que essa criança entenda que precisa se colocar no lugar do outro, que respeite seus colegas, tarefa simples que deveria ter sido feita pela família, e que agora não deveria ser apenas responsabilidade da escola, devendo ter sido trabalhada pela família.

Ensinar aos seus filhos o papel do educador é também de responsabilidade da família, para que o papel possa ser exercido pela escola com qualidade. Somente um processo colaborativo poderia se constituir como caminho, com efetiva parceria entre família e escola são fundamentais. Ambas

precisam se acolher, se entender e se ajudar para o bem comum desse educando, preparando-o como pessoa para viver em sociedade.

Porém, vale destacar que cabe à família educar e estar alerta, pois o vínculo com a escola pode se encerrar, no entanto permanecerá a relação pai, mãe e filho para toda vida. Nessa direção, é muito importante exercer os papéis com sabedoria e responsabilidade de todos, pois, reflexões e debates sobre a temática, traduzem algumas vantagens e desvantagens da participação dos pais na escola.

No entanto, quando os pais são superprotetores, ou se querem participar de todas as facetas da vida de um filho, também pode ser prejudicial, principalmente quando chegam a fazer as tarefas escolares dos mesmos. Embora os pais tenham as melhores intenções em mente ao tomar parte do ensino dos filhos, também devem perceber que são os filhos os estudantes e que eles pais dessa forma, podem prejudicar o processo de aprendizagem da criança.

Vantagem importante a destacar, quando há relação efetiva entre família e escola, melhorando a autoestima, motivação e comportamento. Os pais que desempenham um papel ativo na educação dos filhos terão mais oportunidades para motivá-los. Assim as crianças se comportam melhor e esforçam-se para a grandeza, pois sabem que terão aplausos a cada conquista das pessoas que mais estimam. Um pai envolvido também sabe quando o filho muda o comportamento e é capaz de corrigir isso antes que se torne um problema ou um hábito regular. Com a participação dos pais, é menos provável que a criança se torne agressiva para chamar atenção; ela já tem a atenção de que necessita em casa e a recebe de uma maneira muito saudável.

E como uma discutível forma de desvantagem, é a intervenção no crescimento social do aluno. Para além do aspecto da aprendizagem real, o aspecto social e rotina da escola contribuem muito a moldar a criança no adulto que se tornará. Embora, obviamente os pais amem seus filhos, é importante para eles passarem um tempo longe um do outro para que a criança se desenvolva sozinha e se torne sua própria pessoa em vez de uma cópia doutrinada dos pais. Gastando muito tempo com o filho, este aspecto poderá conduzir a um anexo insalubre de seu pai. É importante que as crianças

tenham independência para resolver seus conflitos e assim amadurecer, rejeitando um comportamento de superproteção por parte dos pais.

3. Considerações finais

Considera-se que educar é uma tarefa complexa e exige grande dedicação e empenho, pois não há uma receita pronta para tal feito, o que existe, é uma troca de experiências positivas e negativas para que se obtenha delas as melhores características que se enquadrem nos problemas que surgem no processo de construção do ser humano.

Considera-se também que acompanhar o desenvolvimento de um filho é um dever que exige desejo, planejamento, suporte financeiro e psicológico, entre outros fatores. O que parece acontecer na realidade são crianças sendo concebidas sem o mínimo desses pré-requisitos. A ausência de planejamento familiar gera uma sucessão de problemas para quem vivencia a situação, e onde a escola por tentar resolvê-los, (pois estes chegam a atingir diretamente), acaba entrando num conflito de papéis: educação x instrução.

No decorrer deste artigo, procurou-se evidenciar a desconstrução do estigma de que só os alunos com famílias constituídas de pai e mãe é que têm a receita para o sucesso, porque muito mais que a composição da família, a consciência de ser um pai ou mãe “responsável” é que gera a função e amor pelo ser cuidado, isso é o que mais importa para a educação ser considerada de sucesso.

Procurou-se também trazer contribuições para o trabalho dos coordenadores pedagógicos, de forma a trazer elementos para reflexão, já que essa realidade está posta e percebeu-se que não se pode culpabilizar uma das partes ou até ambas. Mas sim, trabalhar na dimensão do objetivo deste artigo, elucidar para a família e para os próprios educadores a importância que tem o acompanhamento familiar na vida escolar do aluno e num diálogo, efetivo, promover a superação das dificuldades e trabalhar num processo colaborativo, em prol da formação humana dos educandos.

4 Referências bibliográficas

ALVARES – URIA, F. e VARELA, J. **Arqueologia de la escuela**. Madrid, Las Ediciones de la Piqueta, 1991.

BORGES, V.L.A. **A ideologia do caráter nacional da educação em Minas Gerais: Revista do Ensino** (1.925 – 1.929).

COSTA, Firmino. **Os atos instintivos**. Revista do Ensino, nº 36, ag. 1929.

CUNHA, M.V. da. **“A escola renovadora e a família desqualificada: do discurso histórico sociológico ao psicologismo na educação”**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 186, maio – agosto, 1996, p 318 – 345.

DI SANTO, Joana Maria R. Centro de Referência Educacional – Consultoria e Assessoria em Educação. Disponível em: <<http://www.artigos.com>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

FARIA FILHO, L.M. **“Estado, cultura e escolarização em Minas Gerais no século XIX”**, in: VIDAL, D.G. A memória e a sombra. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 1.999, p. 117 – 136.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Armed, 2000,

PILLET, Nelson. **Psicologia Educacional**. 17ª Ed. São Paulo: Ática, 2009.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

SOUZA, E de C. **Escola nova e disciplina: uma aproximação**. Belo Horizonte, FAE – UFMG, 1999, mimeo.

NOVA ESCOLA Edição **264**, **AGOSTO 2013**. Título original: **"Na sala de aula, é preciso fazer a turma pensar, perguntar 'Será que...?' e experimentar"**

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/escola/escola-familia>

<http://www.celsovasconcellos.com.br>(in)Disciplina

<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao>

<http://www.profala.com/arteducesp201.htm>

<http://www.scielo.br/scielo.phs>

<http://www.shipilonation.org>